

## 6. Considerações finais

“*Por las ramas del laurel  
vi dos palomas oscuras.  
La una era el sol,  
la otra la luna.  
Vecinitas, les dije:  
¿Dónde está mi sepultura?  
En mi cola, dijo el sol.  
En mi garganta, dijo la luna*”. – Federico García Lorca<sup>1 2</sup>

### 6.1 Sobre os propósitos, decisões e linhas de pesquisa

Neste estudo, tive o propósito de mostrar, partindo de uma análise de natureza sociointeracional, que feminilidades são construídas em tirinhas da série *Mulheres Alteradas*, da cartunista argentina Maitena e como se estabelecem os relacionamentos e representações dessas (feminilidades) nas cenas criadas por Maitena a partir de meu olhar e da leitura de homens e mulheres selecionados a colaborar com minha pesquisa. O gênero literário para análise foi a *Literatura Mulherzinha*.

Partindo de uma investigação lingüística, social e histórica, verifiquei que este gênero apresentou sua primeira manifestação no final do século XIX e que, ao longo deste, e até os nossos dias, esta literatura é uma das recordistas em publicações e vendas cuja autoria são diferentes mulheres, a maioria ocidentais, de distintas nacionalidades, utilizando-se de vários veículos literários, como contos, narrativas, quadrinhos, poesia, etc. com o objetivo de demonstrar os conflitos que atormentam o cotidiano feminino de forma caricaturada em cenas do cotidiano das

<sup>1</sup> LORCA, F.G. “Casida de las palomas oscuras”, in: *Antología Poética (1918-1936)*. 6ª ed., Buenos Aires: Editorial Losada, 1971: 176.

<sup>2</sup> “Pelos ramos do laurel  
vão duas pombas escuras.  
Uma era o sol,  
a outra a lua.  
Doces vizinhas, lhes disse,  
onde está minha sepultura?  
Em minha cauda, disse o sol.  
Em minha garganta, disse a lua.”  
Trad. Floriano Martins. In: (vários autores). *A melhor poesia do mundo: (poetas estrangeiros)*. São Paulo: Ediouro, 2001: 15.

mulheres. Atualmente, essas obras são consideradas pela mídia em geral como “literatura de auto-ajuda das mulheres modernas”.

Do surgimento ao apogeu do movimento feminista na década de setenta, é que encontramos o *boom* das publicações sobre o discurso feminino. A *Literatura Mulherzinha* nos possibilita fazer uma reflexão sobre o imaginário feminino, já que retrata cenas do cotidiano das mulheres (independente da faixa etária, estado civil, raça, religião, etc.) em que estas são retratadas de forma caricaturada a partir do recurso da indiretividade, do drama, da dissimulação ou do deboche.

Minha opção em focalizar esse gênero deu-se pelo fato de eu me encontrar e considerar-me uma “mulher alterada” como as tantas caricaturadas por Maitena, pois tenho a convicção de que esta feminilidade foi (e é) produzida, questionada e assumida em múltiplas relações e práticas discursivas em meu cotidiano. Tal feminilidade é um resultado aberto e provisório que se caracteriza por encontros e desencontros que tive ao longo desse percurso acadêmico (e pessoal), questões e desafios que me foram lançados ou que eu própria me fiz os quais constituem minha história e contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

Nasci na década de setenta, precisamente em março de 1976, “acordei” numa família tradicionalmente constituída por pais casados e vivendo juntos – até a presente data – com uma irmã mais nova e “respirando o ar das transformações geopolíticas” que aconteceram ao entardecer do século XX (apontado como o Século das Guerras) tais como a queda do Muro de Berlim e o fim da Guerra Fria; o surgimento dos chamados “blocos econômicos” que emergiram em diferentes regiões do planeta, como a União Européia, o *Nafta*, o *Mercosul*; o *boom* da informática e o surgimento da *era digital*, a biotecnologia e a química que seguem desenvolvendo novas tecnologias; o fim das ditaduras latino-americanas; entre outros tantos fatos importantes...

Tudo isso corroborou para minha constituição, enquanto, mulher nas diferentes situações onde ocorrem práticas discursivas. Em Lopes (2002: 60) encontrei uma justificativa de como isso acontece conosco:

“nossa ação discursiva não está simplesmente ocorrendo no mundo social de forma autônoma, mas ao contrário, é fundamentalmente marcada por condições sócio-históricas particulares, que definem como os participantes se posicionam e são posicionados no discurso.”

Verificou-se que, com o surgimento do movimento feminista – em suas duas grandes “ondas”, sendo a primeira caracterizando-se pelo movimento sufragista (tendo início no final do século XIX e culminância na década de 40, já no século XX) e a segunda (entre os anos 60 e 70 no século XX), o de contestação sócio-política – muitas investigações sobre o discurso feminino começaram a surgir. Sabe-se que sempre houve uma preocupação dos movimentos sociais conduzidos por mulheres em apropriar-se do discurso – mais que da ação – para fazer evidente suas reivindicações, ou seja, apossar-se disso para justificarem sua militância.

Desde então, a lingüística feminista e as teorias de gênero/sexo (essencialistas e não-essencialistas) demarcaram um momento de forte produção dos estudos sociointeracionais, já que as relações do movimento feminista com essas teorias e sua articulação possibilitaram o surgimento da lingüística feminista.

As teorias essencialistas de gênero e, em seguida, as de caráter social (as não-essencialistas) como a performática/construcionista, possibilitaram o entendimento das questões analisadas pela lingüística feminista (Cameron, 1999). Para a autora, a abordagem do déficit revela que maneiras femininas de falar são, quer pela natureza ou pela formação, deficientes em comparação às masculinas. Já a abordagem relativa ao poder (também conhecida como teoria da dominância/dominação), sugere que formas lingüísticas femininas estão em posições subordinadas/inferiores em relação às masculinas. A estrutura da diferença apresenta que formas femininas de falar reflitam normas lingüísticas e sociais de subculturas femininas, especificamente nas quais a maioria de nós – mulheres – passa(mos) em nossos anos de formação.

Nos anos noventa, novos debates, sobretudo com as teorias performáticas/construcionistas, começaram a aparecer com o objetivo de rever as teorias essencialistas. McIlvenny (2002) atribuiu a gênero uma visão social, na qual existiria uma correspondência entre identidade e algum aspecto da realidade. Para o autor, a natureza da *performance* ou *performatividade* será a justificativa para explicar como alguém está fazendo algo por engajamento em uma ação, comportamento ou prática particular em determinado meio social.

A proposta teórica e analítica deste estudo, em articulação com a lingüística feminista, as teorias sobre gênero/sexo e a Literatura Mulherzinha

(*Chick Lit*), procurou tratar de categorias importantes para se entender as relações entre o leitor, ora eu como analista ora os sujeitos selecionados para essa pesquisa, no processo da leitura das tiras selecionadas da série *Mulheres Alteradas*, na relação entre quadrinhos e humor. Tais categorias foram: (i) a concepção de leitura como prática social; e (ii) o discurso de opinião.

A teoria da leitura como prática social preocupa-se com o que o leitor traz em seu discurso quando este lê um texto. Os significados construídos pelos sujeitos-leitores serão sempre diferentes, já que a forma como cada um concebe a leitura de um texto estará diretamente relacionada a sua realidade social. A relação do leitor com o outro (a alteridade) no processo de leitura foi importante para se entender como, por exemplo, são construídas e percebidas nossas concepções, percepções e como aprendemos a reconhecer nossas capacidades, possibilidades e nossas (de)limitações: “*é na alteridade que nos deparamos com nossas fronteiras e que se constroem, conseqüentemente, nossas identidades*”, cf. Lessa (2004: 40).

Na perspectiva de como operacionalizar o processo de análise/ leitura das tirinhas, procurei articular a construção do discurso de opinião em Maitena a partir feminilidades – Coates (1997) – levantadas com a coleta dos dados e das contribuições de Schiffrin (1990) e Shi-xu (2000) sobre o discurso de opinião. Em situações de interação, o papel das emissões de opinião no discurso é fundamental para entender-se como se dá, por exemplo, a construção das relações compartilhadas ou conflitivas, e como a emissão de opinião revela um discurso do *self*, Shi-xu (2000: 281).

As relações entre quadrinhos e humor foram, também, essenciais para que se revelasse, com base nas cenas do cotidiano feminino retratadas nesta narrativa “quadrinizada”, os conflitos e a operacionalização entre os códigos visual e verbal que nos possibilitaram diferentes “leituras” das *Mulheres Alteradas*.

Minha motivação em trazer o universo das *Mulheres Alteradas* para esse trabalho deu-se por três motivos principais:

- (i) Querer realizar uma pesquisa com o mesmo número de homens e mulheres – possíveis leitores deste gênero e que não conhecessem a obra de Maitena, nem o gênero em questão, já que os selecionados – principalmente as mulheres eleitas – se enquadram no perfil de possíveis consumidoras desta Literatura, cf. seção 3.4.. Com isso, quis

verificar que feminilidades surgiam com as “leituras” das cenas retratadas nas tiras de Maitena;

- (ii) Que os entrevistados não fossem meus alunos, já que utilizo as tirinhas em minhas aulas e isso influenciaria na emissão de opinião destes; e
- (iii) Fazer um levantamento histórico desde o surgimento do 1º momento do Movimento Feminista às publicações que despontaram no fim dos anos 80 (recordistas em vendas, de acordo com dados midiáticos atuais), as quais abarco no gênero intitulado “Literatura Mulherzinha”, com o objetivo de verificar possíveis relações entre as protagonistas retratadas e os conflitos vivenciados por mulheres – como eu – que fazem destas feminilidades modelos de superação das situações conflituosas pertinentes a rotina do público em questão.

## 6.2 Sobre os resultados

Através das cenas do cotidiano, caricaturadas nos quadrinhos da série *Mulheres Alteradas*, procurei sinalizar a construção do discurso de opinião de Maitena, a partir das relações interativas entre o(s) texto(s) e as imagens, Maitena concretiza seu discurso de opinião, sobretudo, com recursos de indiretividade e de dialogia com o leitor, em relações de complementaridade ou de oposição entre texto(s) e imagem(ns).

Em *Mulheres Alteradas* encontrei cenas do meu cotidiano retratadas e também de mulheres, que se enquadram no perfil de possíveis consumidoras desta Literatura, cf. seção 3.4., suas “reflexões” e “relações” com o outro, sendo estes seu companheiro, crianças e “outros” que fazem parte de suas vidas.

Na primeira parte, analisei tirinhas numa perspectiva subjetiva, como pesquisadora. Esta primeira parte se subdividiu nas seguintes seções: (i) as mudanças nas representações de feminilidades no século XX; (ii) os conflitos dos *selves* femininos: desejos e contradições; (iii) os conflitos dos *selves* femininos em suas representações masculinas; e (iv) os conflitos dos *selves* femininos: relações de confronto.

Na segunda parte, analiso a construção de feminilidades no processo de “leituras” das tirinhas, através da comparação das mesmas em situação de gravação, caracterizada como protocolo verbal em grupo, na qual eu, enquanto pesquisadora, e dois grupos (divididos em duas categorias: leitores homens e mulheres) realizaram suas leituras e manifestaram seus olhares para as cenas retratadas por Maitena.

Os resultados da primeira parte da análise revelaram a construção de feminilidades em relações de dependência, conflito e confronto nas tirinhas de Maitena, ora nos parâmetros da teoria do déficit, das duas culturas (diferença) e da dominação, ora em outras identidades performáticas.

As mudanças nas representações de feminilidades no século XX, apresentadas na primeira tira selecionada para a análise dos dados – 1922 – *De como o “anjo” da casa se transformou... na “bruxa” da família* – 1997, in: Maitena (2003: 76-77, v.03) – revelam como as representações dessas feminilidades se modificaram ao longo deste e, através destas, como seus desejos, aspirações e conflitos – com seu *self*, nas representações idealizadas de *ser mulher* e sua relação com *os outros* – foram adaptando-se às transformações e como esta(eu) se encontra atualmente. Nesta tirinha, a autora apresenta as modificações que as mulheres sofreram ao longo do século XX. Primeiramente, essas mulheres eram consideradas “anjos” pois somente cuidavam de atribuições domésticas. Eram donas-de-casa exemplares e estavam voltadas em atender aos desejos da família e, com isso, sentiam-se realizadas. Porém é na ruptura dos anos 60 – Maitena, propositalmente, divide a tira em duas páginas, atribuindo os termos “anjo” às mulheres da década de 20 a 50 e “bruxa” às dos anos 60 aos 90, e deixa claro essa marca através das caricaturas e aspectos verbais presentes – e com a “atmosfera” do movimento feminista, que tais mulheres começam a buscar, fora “dos muros do ‘doce lar’”, novas realizações, começando por capacitar-se numa profissão, buscando trabalho remunerado e “independência” familiar. É com isso que novas feminilidades começam a surgir: a mulher em busca de uma realização intelectual, a que luta por ‘ideais’ políticos, a profissional de sucesso, a esteticamente ‘perfeita’, e, culminando com o somatório destas representações, a “alterada”, ou seja, a mulher angustiada, estressada e em questionamento por ter absorvido tantos novos papéis que a deixou em desequilíbrio constante. A partir

desta tira, procurei sinalizar os conflitos dos *selves* femininos: desejos e contradições dessa(s) mulher(es) alterada(s) ao longo do tempo.

Coates (1997) esclarece que a mulher não é a mesma em todas as circunstâncias: diferentes pessoas/discursos de acordo com dado momento, diferentes tipos de *self* são possíveis, porém não como diferentes tipos de pessoas, mas diferentes tipos de *ser mulher*. O discurso hegemônico na sociedade patriarcal em que vivemos tende a colocar o homem como o “centro do universo”, porém os ideais feministas levantaram argumentos como: *homens fracos, mulheres superiores aos homens, é bom ser mulher*. Daí a autora encerra apontando para diferentes discursos que levam a diferentes feminilidades e que mudanças estão acontecendo na significação do *ser mulher* com o passar dos anos.

Num outro momento, busquei esclarecer também os conflitos, sendo estes, então, com os *selves* femininos em suas representações masculinas. Foi observado, nas tiras eleitas para essa seção, que as relações das mulheres com *seu outro* serão sempre conflitantes, já que visam sinalizar a reflexão que essas – mulheres caricaturadas (me incluo entre estas) – deveriam assumir e optam por não fazê-lo, já que enfrentar nossas crenças, às vezes, nos revelam atos “violentos” de ameaça a nossa face, Goffman (1980)<sup>3</sup>. Skliar (2003: 26) sinaliza como esse *outro* é ameaçador quando nos colocamos diante dele:

“(...) o outro pode ser pensado sempre como exterioridade, como alguma coisa que eu não sou, que nós não somos. Mas a mesma dualidade apontada acima (outro próximo – outro radical) existe também em termos de interioridade, quer dizer, que esses outros também podem ser eu, sermos nós”.

Na segunda parte da análise, tratei das feminilidades reveladas no processo de “leituras” das tirinhas em situação de gravação em que tentei sinalizar como eu, enquanto pesquisadora, e dois grupos de leitores: homens e mulheres – previamente selecionados – realizaram suas leituras e demonstraram seus olhares para as cenas do cotidiano retratadas por Maitena.

Observei que as mulheres fizeram três diferentes tipos de leitura, que classifiquei como: (i) leitura parafrástica, (ii) identificação e envolvimento, e (iii)

---

<sup>3</sup> GOFFMAN, Erving. “A Elaboração da Face: Uma Análise dos Elementos Rituais da Interação Social”, in: FIGUEIRA, S. (Org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1980: 76-114.

leitura que revelam outras leituras (com elementos não presentes nas cenas em questão).

Com isso pude verificar que, as mulheres, primeiramente, perceberam que a crítica *apimentada* de Maitena dirige-se ao mundo feminino e a seus questionamentos. As entrevistadas se alinham (Goffman [1979] 2002) à autora e revelam, em seus discursos, sua concordância e alinhamento ao que Maitena apresenta. Nestes depoimentos, verificam-se elementos de identificação e envolvimento do sujeito. Todas as mulheres percebem que a crítica de Maitena dirige-se a elas.

As atitudes cooperativas com as mulheres caricaturadas se dão nas entrevistadas com a utilização dos verbos ora em 1ª pessoa ora em 3ª, como sinalizado por: *Gabriele e Kátia* – verbos em 3ª pessoa; *Cristina, Vera e Cláudia*, se vêem entre as personagens das tirinhas – verbos em 1ª pessoa.

Alguns pontos importantes foram observados. Primeiramente percebi que houve uma tentativa de assumir, com as feminilidades retratadas, uma atitude cooperativa, ou seja, alguns dos entrevistados se alinham aos conflitos denunciados nas cenas das tirinhas. No entanto, encontrei poucas leituras parafrásticas e de real concordância com a opinião inferida nas tiras de Maitena.

Nas leituras masculinas, observei que, ao opinarem sobre, por exemplo, a primeira tirinha – *O melhor das férias é descansar*, in: Maitena (2003: 11, v.01) – a maioria dos entrevistados utilizou-se de índices de indeterminação do sujeito, por não “perceber” que a crítica “azedada” de Maitena referia-se às mulheres e não “às pessoas em geral”. Dois termos foram frequentemente utilizados pelos homens: crítica e cobrança, pois se viram como vítimas de suas “algozes inconformadas”: as feminilidades caricaturadas (ou suas próprias mulheres).

O recurso da indiretividade/indeterminação deu-se na tentativa de não se envolverem com os conflitos femininos e com as representações de feminilidades em geral.

Ao começarem a expor suas opiniões sobre as tiras, vê-se que, por exemplo, alguns homens, embora em um primeiro momento façam a leitura em concordância, logo manifestam outra opinião, ou, já de início, fazem interpretações como se os conflitos femininos apresentados pela autora, de forma cômica, fossem também vivenciados por eles e daí começam a “sair” das ‘linhas e entrelinhas do texto’ (Scott, 1983), criando novas leituras para justificarem suas

opiniões. Schiffrin (1990: 244) define opinião como uma posição interna e avaliativa de um indivíduo sobre uma circunstância. Salienta ainda que há três aspectos cruciais nessa definição: (i) as opiniões não estão disponíveis para a observação; (ii) as opiniões são posições individuais e subjetivas; e (iii) apesar de serem estados cognitivos internos, as opiniões também são representações de uma situação externa.

*João Carlos e Luiz Carlos* fazem uma leitura, a princípio, parafrástica, ou seja, descrevem as cenas tais como são apresentadas pela cartunista. Já *Jorge Renato* e *André* revelam elementos que não são retratados nas cenas. Isto nos leva a crer que se trata de uma leitura de caráter fantástico, pois acrescentam elementos, dados, informações,... que não são denotados – nem verbalmente nem visualmente – por Maitena.

Os entrevistados, algumas vezes, percebem esse alinhamento que une a autora, eu como entrevistadora e todas as mulheres, cujas queixas contra os homens circulam no mundo social. Outras, passam como leitores que “ignoram” nossas angústias ou “não se dão conta” de que o fazem.

Nesta investigação abordei aspectos que envolvem o universo da “Literatura Mulherzinha”, representada, no presente, pela série *Mulheres Alteradas*, da cartunista portenha Maitena.

Apresentei aspectos sócio-históricos (movimento feminista) e lingüísticos: (teorias sobre gênero/sexo, discurso de opinião) que contribuíram para a “alteração” do olhar feminino para a representação de feminilidades ao longo do século XX . A “alteração” das mulheres surge a partir de sua percepção para a somatização de inúmeras atribuições que estas (nós) adquiriram (-rimos) com o decorrer do tempo.

Os quadrinhos de humor de Maitena abordam alguns pontos críticos das interações envolvendo homens/mulheres. A autora, evidentemente, fala em defesa das mulheres, independente das feminilidades reveladas.

Para finalizar, resgato, em meu imaginário, uma frase que ouvi da própria autora (Maitena) numa palestra assistida por mim no dia 17 de maio de 2003, no *Café Literário*, na *XI Bienal Internacional do Livro*, no Rio de Janeiro: “...*O mundo da mulher é uma reserva de temas para chorar, por isso ser ALTERADA é bom para a saúde!*”.